

CHRIS CLEAVE

MENINA DE OURO

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ELSA T. S. VIEIRA

ASA

Terça-feira, 24 de agosto de 2004
Balneários, Velódromo Olímpico, Atenas
Finais da prova olímpica de *sprint* feminino em ciclismo de pista

Do outro lado da porta de metal sem pintura, cinco mil homens, mulheres e crianças entoavam o nome dela. Zoe Castle não estava a gostar tanto como pensara que gostaria. Tinha vinte e quatro anos e estava sentada onde o treinador lhe indicara, ao lado dele, num banco estreito ainda com a camada de plástico transparente protetor por cima.

– Não toques na porta – disse-lhe ele. – Tem alarme.

Estavam apenas os dois no pequeno balneário subterrâneo. As paredes tinham sido rebocadas há pouco tempo e havia pequenas espirais endurecidas de material no chão de cimento, onde tinham caído da colher de pedreiro. Zoe deu um pontapé numa delas, que se soltou, deslizou sobre o chão e embateu na porta com um som metálico.

– O que foi? – perguntou o treinador.

Zoe encolheu os ombros.

– Nada.

Quando visualizara o sucesso – quando se atrevera a imaginar que chegaria até aqui – os soalhos e as paredes de todos os edifícios

em Atenas eram superfícies platónicas, feitas de um material olímpico que reluzia com uma luz interior. O ar não cheirava a cimento. Não havia uma bolsa de plástico no chão com o guia de instalação do aparelho de ar condicionado que se encontrava, parcialmente montado, ao canto da sala.

O treinador viu a sua expressão e sorriu.

– *Tu* estás pronta. É o principal.

Ela tentou sorrir também. O sorriso saiu como um potro recém-nascido – as suas pernas dobraram-se imediatamente.

Lá em cima, o público batia com os pés. A partida estava atrasada. As buzinas de ar comprimido soaram. A sala estremeceu – o som era tão alto que os dentes dela vibraram. O barulho da multidão estava a liquefazer as suas entranhas. Pensou em sair do velódromo pela porta das traseiras, apanhar um táxi para o aeroporto e voar para casa no primeiro avião disponível. Perguntou-se se seria a primeira atleta olímpica a fazer essa coisa tão simples e compreensível: sair discretamente do Olimpo. Devia haver algo que ela conseguisse fazer na vida civil. As revistas adoravam-na. As roupas assentavam-lhe bem. Era bonita, com o cabelo curto, preto e brilhante, e os grandes olhos verdes, no rosto pálido e assombrado de uma santa medieval. Havia um leve toque de crueldade na linha dos seus lábios; uma sugestão de aço na expressão do rosto, que fazia com que os olhares se demorassem. Talvez pudesse fazer alguma coisa com isso. Podia dar entrevistas e rir-se nos bastidores, depois do programa, quando o jornalista lhe perguntasse se sabia que era muito parecida com aquela rapariga britânica que fugira dos Jogos Olímpicos – como é que ela se chamava, mesmo? *Ah!*, diria ela. *Estão sempre a dizer-me isso! A propósito, o que foi feito dessa rapariga?*

A respiração do treinador era calma e regular.

– Bom, *tu* pareces estar bem – disse Zoe.

– Porque não havia de estar?

– É só mais um dia de trabalho, certo?

– Correto – disse Tom. – Estamos apenas a picar o ponto para pegar ao serviço. O que é que queres, afinal? Uma medalha?

Quando viu como ela estava a olhar para ele, ergueu as mãos num gesto de súplica.

– Desculpa. É uma velha piada de treinadores.

Zoe franziu a testa. Estava irritada com Tom. A despreocupação dele não a estava a ajudar nada – o facto de ele estar a fingir que não se passava nada de extraordinário. Normalmente, era um treinador muito melhor, mas os nervos estavam a afetá-lo, precisamente quando ela mais precisava que ele fosse forte. Talvez devesse mudar de treinador, assim que voltasse a Inglaterra. Pensou em dizer-lhe isso agora, só para lhe apagar aquele falso sorriso sábio do rosto.

O pior era que ela estava a tremer descontroladamente, apesar do calor. Era humilhante e não conseguia parar. Já estava equipada, já fizera o aquecimento. Dera uma amostra de urina e oito centímetros cúbicos de sangue, que devia ser composto essencialmente por adrenalina. Gravara uma peça curta e nervosa em câmara para os patrocinadores, assinara os impressos oficiais da corrida e prendera o seu número às costas do fato colado ao corpo. Depois retirara-o e voltara a prendê-lo, desta vez de cabeça para cima. Não lhe restava mais nada com que ocupar estes terríveis minutos de espera.

O frenesim da multidão aumentou de intensidade.

Bateu com as palmas das mãos no banco.

– Quero ir para cima! Porque é que têm a porta trancada?

Tom bocejou e respondeu à pergunta com um aceno indiferente.

– É para nossa segurança. Deixam-nos subir depois de os seguranças verificarem os corredores.

Zoe escondeu o rosto nas mãos e baloiçou-se para trás e para a frente no banco. Era uma tortura, estar fechada nesta salinha minúscula, à espera da autorização dos fiscais da corrida. Não conseguia impedir o corpo de tremer e não conseguia tirar os olhos da porta metálica, que estremecia nas dobradiças com o barulho da multidão. Era uma porta forte, concebida para resistir indefinidamente a caçadores de autógrafos, ou a um incêndio durante trinta minutos, mas o medo atravessava-a com facilidade.

– Céus... – sussurrou ela.

– Assustada?

– Estou a borrar-me toda. A sério, Tom, tu não? – Ergueu os olhos para ele.

Tom abanou a cabeça e recostou-se.

– Na minha idade, não é o grande evento que nos assusta.

– Então o que é?

Ele encolheu os ombros.

– Oh, sabes como é. A sensação persistente de que, na perseguição dos meus próprios objetivos rígidos, talvez não tenha sido tão generoso em espírito como poderia, relativamente às necessidades e sonhos das pessoas que mais amo, ou por quem era emocionalmente responsável.

Fez um balão com a pastilha elástica e inspecionou as unhas. Zoe ferveu de cólera.

Nas bancadas por cima deles, uma nova vaga de aplausos e gritos fez estremecer o edifício. O apresentador estava a espicaçar o público. As pessoas rugiram o nome de Zoe. Bateram com os pés com mais força. Nos balneários, a luz fluorescente temporária apagou-se e regressou à vida por fases. Uma súbita chuva de poeira caiu de uma fenda por tapar no teto falso de estuque.

– Achas que o edifício aguentará? – perguntou Tom.

Zoe explodiu.

– Cala-te, está bem? Cala-te, cala-te, cala-te!

Tom sorriu.

– Oh, vá lá, é só mais uma corrida de bicicleta. É canja.

– Não é por ti que cinco mil pessoas estão a gritar.

Ele inclinou-se e segurou-lhe no braço.

– Sabes do que devias ter medo? Do dia em que não gritarem o teu nome. Então serás como eu. Serás a poeira que se acumula nas fendas entre as tábuas da pista. Serás o cuspo a secar na pastilha elástica colada por baixo da cadeira. Serás o som das vassouras a varrer depois de a multidão se ter posto a andar. Preferias ser tudo isso? Preferias?

Ela abanou a cabeça, amuada.

Tom levou a mão ao ouvido.

– O quê? Não te consigo ouvir por cima do barulho deste amor todo! Preferias ser a rapariga de quem ninguém se lembra?

– Não, raios!

Ele sorriu.

– Então está bem. Levanta o traseiro do banco, vai lá para fora e ganha!

Os dois olharam para a porta metálica fechada, depois para o chão, depois um para o outro. Passou um momento.

Tom suspirou.

– Mas foi um bom discurso de incentivo, não foi? Se calhar atingi o clímax cedo demais.

Zoe lançou-lhe um olhar furioso. Era capaz de lançar faíscas.

Por cima deles, o som dos pés da multidão era incessante. A poeira do estuque caía agora continuamente.

Ela fixou os olhos na porta.

– Porque é que não vêm? Estamos aqui em baixo há *séculos*.

– Talvez este seja o nosso inferno pessoal. Talvez eles não venham e a multidão continue a fazer cada vez mais barulho, e fiquemos para sempre sozinhos com os nossos pensamentos.

– Nem sequer brinques com isso, está bem? Já me sinto suficientemente culpada.

Tom fitou-a com curiosidade.

– Por causa da Kate?

Zoe ficou surpreendida com o alívio que sentiu quando Tom disse o nome de Kate. Por baixo de todos os pormenores de última hora da sua preparação – apertar os grampos dos sapatos, polir os visores – não se apercebera do quanto isso estava a atormentá-la.

– Ela devia estar aqui – disse. – Devíamos ser nós as duas na final.

O treinador apertou-lhe o joelho.

– Boa menina. Mas não foste tu que obrigaste a Kate a ficar em casa. Ela fez as suas próprias escolhas.

– Mesmo assim...

– Quero que o digas, Zoe. Quero ouvir-te dizer: *A Kate fez as suas próprias escolhas.*

Zoe olhou para o chão durante muito tempo. O rugido da multidão acelerou cada molécula de ar entorpecido na pequena sala inacabada. A vibração dos pés a bater no chão subiu através da armação de aço do banco e fez trepidar o assento de plástico branco por baixo dela.

Lentamente, ergueu os olhos para o treinador.

– A Kate fez as suas próprias escolhas – disse, baixinho. – E eu também.

Tom devolveu o olhar.

– Ótimo – disse, por fim. – E agora, tira isso da cabeça. Está bem? Isso é a vida; isto é desporto. Só precisas de pensar nos próximos dez minutos.

Ela engoliu em seco.

– Está bem.

Tom riu-se.

– Bom, então não faças esse ar tão aterrorizado.

– Ouve este barulho todo. *Estou* aterrorizada.

– Escuta, Zoe. Foste tu que trabalhaste arduamente. Foste tu que chegaste à final. O pior cenário possível, hoje, é seres a segunda ciclista mais rápida do planeta. O pior que pode acontecer nos próximos dez minutos é ganhares uma medalha de prata olímpica.

– Exato.

– Tens medo de ganhar a prata?

Ela pensou nisso, depois acenou afirmativamente.

– Merda, antes queria morrer.

– Honestamente?

– Honestamente.

Ela respirou fundo e as tremuras do seu corpo acalmaram. Quando olhou de novo para Tom, ele estava a sorrir.

– O que foi? – quis saber Zoe.

– Jovem, creio que estás finalmente pronta para a tua primeira final olímpica. Agora faz um favor a ambos, sai daqui e vence.

– Mas a porta...

Tom sorriu.

– Esteve sempre apenas na tua cabeça.

Ela levantou-se e empurrou a porta de metal com dois dedos, hesitante. Esta abriu-se facilmente, nas dobradiças bem oleadas, e o rugido da multidão aumentou de intensidade. A porta bateu na parede e ecoou com a nota grave de um sino.

Zoe olhou para ele, de olhos arregalados.

– O que foi? – disse Tom, enxotando-a com um gesto. – Vai lá. Na verdade, estás muito atrasada.

Zoe olhou de novo para a porta e depois para ele.

– Por acaso, és bastante bom – disse.

– Com a minha idade, mau seria se não fosse.

As escadas altas e pintadas de branco que subiam até à pista pareciam prateadas sob os raios de sol que entravam pelas claraboias altas no teto do velódromo. No espelho do degrau no cimo das escadas, em letras azuis quase direitas, o lema olímpico dizia: *Citius, Altius, Fortius*.

Zoe inspirou lentamente uma golfada do ar quente e ensurdecedor. Os cabelos na sua nuca arrepiaram-se. Tudo o que se passara foi desculpado e esquecido. A multidão estava a gritar o seu nome. Sorriu, respirou e deu o primeiro passo para a luz.

Barrington Street, número 203, Clayton, zona leste de Manchester

Numa televisão minúscula, ao canto da sala atafalhada no apartamento de duas assoalhadas, Kate Meadows viu a sua melhor amiga sair do túnel para a arena central do velódromo. O ruído da multidão duplicou, distorcido pelas colunas da televisão. O seu coração

deu um salto. O biberão da bebé estava equilibrado em cima do aparelho e o rugido da multidão causou ondas concêntricas no leite. Quando Zoe levantou os braços para agradecer o apoio do público, o rugido ensurdecedor fez o biberão deslizar sobre a televisão. Baloiçou à beira do aparelho, caiu para o chão e ficou tombado de lado, a pingar leite branco da tetina translúcida para a juta castanha e sedenta da tapete. Kate ignorou-o. Estava hipnotizada pela imagem de Zoe.

Kate tinha vinte e quatro anos e, desde os seis, o seu sonho fora ganhar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos. Os seus dezoito anos de preparação tinham sido perfeitos. Alcançara o nível mais elevado da modalidade. Partilhara o treinador com Zoe, treinara com ela, vencera-a nos campeonatos nacionais e mundiais. E depois, no último ano de preparação para Atenas, a bebé Sophie chegara.

Esta televisão era antiga e tinha uma péssima qualidade de imagem, mas era bastante nítido para Kate que Zoe estava agora sentada num protótipo de bicicleta de corrida no valor de doze mil dólares americanos, com um quadro monocoque preto de fibra de carbono unidirecional de alto módulo, enquanto ela própria estava sentada num sofá *Klippan* da *Ikea*, com pernas de aço de epóxi/poliéster lacadas e uma cobertura removível e lavável em vermelho *Almås*. Kate estava perfeitamente consciente de que podia alcançar certas vitórias ali sentada, mas eram triunfos pequenos e domesticados, medidos em bebés desmamados e campanhas de treino no bacio levadas até alcançar a secura. Levou os nós dos dedos às têmporas, forçando-se a recordar como estava apaixonada por Sophie e por Jack, que estava em Atenas a preparar-se para a sua corrida no dia seguinte. Tentou exorcizar todos os pensamentos invejosos da mente, comprimindo as têmporas até lhe doerem mas, Deus a perdoasse, o seu coração ainda desejava vencer o ouro.

Em baixo da mesa de apoio, Sophie remexeu na mistura de pequeno-almoço e almoço ali caída, palrando alegremente enquanto levava à boca cereais e papa não específica. O médico dissera que

ela estava demasiado fraca para viajar até Atenas, mas agora a criança parecia efervescente de saúde. Era preciso recordar a si própria que os bebés não faziam estas coisas de propósito. Não usavam o calendário da cozinha para seguir o horário exato dos seus sonhos com os dedinhos rechonchudos, para depois planearem a sua asma e alergias de acordo com isso.

Estava um calor sufocante na sala. As janelas abertas não deixavam entrar qualquer brisa refrescante, apenas o calor opressivo de agosto, refletido pelo cimento claro do pátio das traseiras. Kate sentiu o suor a escorrer-lhe pelas costas. Do apartamento do lado, através da parede, ouviu a vizinha a aspirar. O aspirador gemia e batia com a cabeça de plástico contra o rodapé, uma e outra vez, um prisioneiro para a vida, sem esperança de liberdade condicional. Faixas de interferência elétrica crepitaram no ecrã da televisão, ocultando o rosto de Zoe enquanto esta se preparava para começar a corrida.

As duas ciclistas estavam agora à espera das ordens de partida. Uma voz neutral fez a contagem decrescente a partir do dez. Na linha de partida, por trás da barreira, Kate apanhou um vislumbre de Tom Voss no grupo de oficiais do Comité Olímpico Internacional e de VIP. À visão do treinador, a sua pulsação acelerou para lhe preparar o sistema para a atividade intensa que a chegada dele assinalava sempre. A adrenalina invadiu-a. Quando a contagem decrescente no velódromo chegou ao cinco, observou as mãos tensas de Zoe no guiador. As suas próprias mãos ficaram também tensas, involuntariamente, agarrando um guiador fantasma no ar abafado da sala. Os músculos das pernas estremeceram e a sua consciência aguçou-se, dilatando cada segundo. Kate detestava a forma como o seu corpo ainda se preparava desta maneira para correr, desesperadamente, como o coração exausto de uma viúva ainda devia dar um salto ao ver a fotografia do amante morto.

Houve uma agitação aos seus pés e um gritinho excitado. Baixou-se para apanhar uma pequena ventoinha elétrica e a pôr em cima da mesa de apoio, longe dos dedos exploradores de Sophie. A brisa foi um alívio. Na televisão, a contagem chegou ao três. Kate

viu Zoe humedecer os lábios, nervosa. *Dois*, disse o juiz de partida. *Um*. Kate tinha a testa coberta de suor. Esticou a mão e aumentou a velocidade da ventoinha.

A imagem contraiu-se num pequeno ponto branco no centro do ecrã da televisão e depois extinguiu-se completamente. Do outro lado da parede, o zumbido do aspirador da vizinha diminuiu de intensidade e dissipou-se num suspiro longo, até ao silêncio total. Ouvia a voz da vizinha a dizer *Merda*. Kate viu as pás da ventoinha perderem a invisibilidade enquanto abrandavam, até pararem. Olhou para a ventoinha, aturdida, sentindo a brisa no seu rosto desaparecer, sem perceber porque é que a brisa faria tal coisa no exato segundo em que a televisão se desligara. Depois de um momento, compreendeu que qualquer coisa fizera disparar a caixa dos fusíveis. Como de costume, levava consigo a eletricidade de metade da rua.

Sentiu uma rara vaga de autocomiseração. Só estas pequenas coisas a desencadeavam. Perder os Jogos Olímpicos era demasiado grande e contundente para magoar mais do que de forma embotada e pesada. Era como ser anestesiada e depois sufocada. Mas os bilhetes de avião de Jack, ao chegarem, tinham sido suficientemente cortantes para ferir. Fazer a mala dele deixara uma dor e um vazio muito específico no roupeiro que partilhavam. Agora, a falha da eletricidade apagara também algo dentro dela.

Um segundo depois, riu-se de si própria. Afinal de contas, tudo podia ser resolvido. Procurou na gaveta da cozinha até encontrar fio de fusível, depois pegou numa lanterna e entrou na casa de banho no vão das escadas, onde se encontrava a caixa dos fusíveis. Sophie gritou quando ela saiu da sala, por isso pegou-lhe e segurou-a debaixo do braço enquanto equilibrava a lanterna e o fio de fusível na outra mão, de pé em cima da sanita para chegar à caixa. Sophie agitou-se e guinchou e tentou agarrar nos fios. Depois de tentar durante um minuto, Kate decidiu que se preocupava mais em não eletrocutar a filha do que em ver a corrida de Zoe.

Pousou novamente Sophie no chão da sala. A bebé animou-se de imediato e retomou a sua busca constante por objetos perigosos para pôr na boca. A dois mil e quinhentos quilómetros de distância, a primeira das três corridas já tinha acabado, e Zoe vencera ou perdera. Era estranho não saber. Kate ligou e desligou a televisão, como se algum elemento restaurador na instalação elétrica da casa – algum glóbulo branco eletrónico – pudesse ter sarado os danos. Não apareceu imagem nenhuma. Em vez disso viu-se a si própria, com mais cinco quilos do que o seu peso de competição, ainda de camisa de dormir às três da tarde, refletida no ecrã preto da televisão.

Suspirou. Podia resolver os problemas do seu reflexo. Alguns quilómetros de treino a sério devolver-lhe-iam a magreza ao rosto, o cabelo loiro não estaria eternamente preso num carrapito para escapar aos dedos peganhentos de Sophie, e os seus olhos azuis só estavam escondidos atrás dos óculos feios porque ainda não arranjava forças para se vestir e ir comprar líquido de limpeza para as lentes de contacto. Tudo isto podia ser resolvido.

Mesmo assim, enquanto se observava na televisão, entrou em pânico por um momento, e pensou que era impossível que Jack ainda a achasse atraente. Contudo, não era bom demorar-se nesse tipo de pensamentos, por isso deixou-se cair de novo no sofá e telefonou-lhe. Por trás da voz dele, quando atendeu, ouviu o rugido de cinco mil pessoas.

– Viste aquilo? – gritou ele. – Ela arrasou! Venceu como se nem sequer se estivesse a esforçar!

– A Zoe?

– Sim! Inacreditável. Não me digas que não estavas a ver?

– Não consegui.

Ouviu-o hesitar.

– Vá lá, Kate, não sejas azeda. Para a próxima serás tu a correr, em Pequim.

– Não, não consegui mesmo ver. A eletricidade foi-se abaixo.

– Viste os fusíveis?

– Céus, *Ken*, tal coisa nem ocorreu ao meu cérebro de *Barbie*.

– Desculpa.

Kate suspirou.

– Não faz mal. Tentei arranjar os fusíveis mas a Sophie não me deixou. – Apercebeu-se imediatamente de que a frase parecera um queixume mesquinho.

– A nossa filha é muito forte para a idade – disse Jack –, mas ainda acho que conseguirias dar conta dela num combate justo.

Ela riu-se.

– Ouve, desculpa. Mas estou a passar um mau bocado por aqui.

– Eu sei. Obrigada por tomares conta dela. Tenho saudades tuas.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

– A sério?

– Oh, meu Deus – disse ele –, estás a brincar? Se tivesse de escolher entre voltar para casa no próximo avião e competir pelo ouro aqui amanhã, sabes que escolheria o avião, não sabes?

Ela fungou e limpou os olhos.

– Não estou a pedir-te que escolhas, idiota. Estou a pedir-te que ganhes.

Ouviu-o sorrir do outro lado da linha.

– Se ganhar, é só porque tenho medo do que me farás se perder.

– Volta para mim quando tiveres a medalha de ouro, está bem? Promete-me que não ficarás aí com ela.

– Oh, Céus – disse ele. – Sabes muito bem que nem precisas de dizer isso.

– Eu sei – respondeu ela baixinho. – Desculpa.

Do outro lado, o som da multidão aumentou novamente de intensidade.

– A segunda corrida vai começar – gritou Jack por cima do barulho. – Já te ligo, está bem?

– Achas que ela vai ganhar?

– Sim, sem dúvida. Na primeira ronda parecia que estava a passear.

– Jack?

– Sim?

– Amo-te – disse ela. – Mais do que gelado depois do treino.

– Eu também te amo – disse ele. – Mais do que à vitória.

Ela sorriu. Foi um momento perfeito, e ouviu-se a si própria estragá-lo ao dizer:

– Liga-me quando a corrida acabar, está bem?

Fez uma careta, aborrecida por ser tão carente; por colocar mais esta exigência sobre ele. O amor não devia precisar de garantias constantes. Por outro lado, o amor não devia estar sentado a ver o seu próprio reflexo numa televisão morta enquanto a tentação corria para a glória.

A resposta de Jack foi abafada pelo som da multidão a entoar o nome de Zoe.

Desligou e deixou o telefone cair na cobertura lavável e usada do sofá. Não era apenas que tivesse deixado de acreditar que alguma vez chegaria aos Jogos Olímpicos. Agora, se quisesse ser realmente honesta consigo própria, nem sequer estava certa de conseguir vencer as corridas que se disputassem em cadeiras de cozinha e sofás.

Olhou para a janela com olhos vidrados. No calor tremeluzente do pequeno pátio, um esquilo encontrara algo no fundo de um pacote de batatas fritas.

A minha vida agora é isto?, pensou.

Levou as mãos às têmporas, agora mais suavemente, e mediu a pulsação em comparação com o ponteiro dos segundos do relógio da sala. Há meses que não treinava a sério, mas mesmo agora – mesmo com todo este *stress* – a sua pulsação estava abaixo dos sessenta. O segundo ponteiro estava no mesmo sítio e ela só contara cinquenta e dois batimentos. Às vezes, esta era a única pequena vitória dos seus dias: saber que estava mais em forma do que o tempo.

Ergueu os olhos e viu que Sophie estava a imitá-la, a tentar encostar as mãozinhas aos lados da cabeça. Kate riu-se e, pela primeira vez, Sophie riu-se em resposta.

Kate sentiu-se invadir pela euforia.

– Oh, meu Deus, minha querida, tu *riste!*

Caiu de joelhos, pegou em Sophie e abraçou-a. Sophie sorriu – um protótipo de sorriso, todo gengivas, que vacilou e ficou de esquelha e se reacendeu novamente. Gorgolejou ruidosamente, encantada consigo própria.

– Oh, minha coisinha esperta!

Espera só até eu contar ao Jack, pensou, e o pensamento foi tão leve e simples que, de súbito, soube que ia correr tudo bem. Que importava que Zoe ganhasse o ouro hoje, ou que Jack ganhasse o ouro amanhã? Aqui ajoelhada na sala de estar desarrumada, com a bebé contra o peito, a inspirar o seu cheiro quente a bolsado, era impossível acreditar que houvesse alguma coisa mais importante do que isto. Quem queria sequer saber que, até há pouco tempo, ela conseguira acelerar uma bicicleta a sessenta e cinco quilómetros por hora no velódromo? Parecia absurdo, agora que a vida a sério começara para ela – com a sua progressão real através dos maravilhosos marcos da maternidade –, que alguém se desse sequer ao trabalho de andar de bicicleta em pistas ovais intermináveis, ou que alguém tivesse tido a ideia bizarra de dar ouro à pessoa que conseguisse fazê-lo mais depressa. De que adiantava, fosse a quem fosse, acelerar até voltar ao ponto de origem?

Céus, pensou. *O que é que alguém ganha com isso?*

Um minuto depois, durante o qual o seu coração bateu quarenta e nove vezes, sorriu, um sorriso cansado.

– Oh, quem é que eu quero enganar? – disse, em voz alta, e Sophie ergueu o rosto ao som da sua voz e fez uma expressão experimental, única, perfeitamente equidistante entre um riso e um lamento.